

Tradução, Adaptação e Estudo da Validade de Construto da *Scale of Ethnocultural Empathy*

Leonardo Rodrigues Sampaio

Universidade Federal do Vale do São Francisco
Petrolina, Pernambuco – Brasil

Ilka Dayanne Medrado Lima

Universidade Federal de Pernambuco
Recife, Pernambuco – Brasil

Igor Gomes Menezes

Universidade Federal da Bahia
Salvador, Bahia – Brasil

Franciela Félix de Carvalho Monte

Universidade Federal de Pernambuco
Recife, Pernambuco – Brasil

RESUMO

A empatia etnocultural é um construto que ajuda na compreensão de fenômenos que envolvem questões culturais, respeito às diferenças etnoculturais e desenvolvimento afetivo e sociomoral. O presente estudo objetivou traduzir, adaptar e testar a validade de construto da *Scale of Ethnocultural Empathy* – SEE para uso no Brasil. Participaram desta pesquisa 350 estudantes universitários residentes na cidade de Juazeiro (BA). Eles responderam à versão adaptada da SEE, que passou a se chamar Escala de Empatia Etnocultural – EEE, além de um questionário sociodemográfico. Foram realizadas análises fatoriais e os resultados apontaram como melhor solução uma estrutura composta por 26 itens, dispostos em três fatores. A consistência interna da Escala de Empatia Etnocultural como um todo (Nível Geral de Empatia Etnocultural) foi considerada boa ($\alpha = .808$). Destarte, a Escala de Empatia Etnocultural revelou propriedades psicométricas adequadas à avaliação do construto e demonstrou ser uma importante ferramenta de investigação em pesquisas futuras.

Palavras-chave: empatia etnocultural; escala; tradução; adaptação; validade de construto.

ABSTRACT

Translation, Adaptation, and Construct Validity Study of the Scale of Ethnocultural Empathy

Ethnocultural Empathy is a construct that helps to understand phenomena encompassing cultural issues, respect to ethnocultural differences, and affective and social-moral development. The present study aimed to translate, to adapt and to assess the construct validity of the Scale of Ethnocultural Empathy – SEE for use in Brazil. A total of 350 undergraduate students resident in the city of Juazeiro, BA (Brazil) participated of this study. They answered to the modified version of the SEE – which was called in Portuguese Escala de Empatia Etnocultural – EEE, and a questionnaire assessing socio-demographic characteristics. A factor analysis of 26 items suggested that a three-factor solution provided the best fit to the data. The overall internal consistency of the SEE (general level of ethnocultural empathy) was good ($\alpha = .808$). Taken as a whole, the psychometric properties of the Scale of Ethnocultural Empathy are suitable to assess the Ethnocultural Empathy and demonstrate that the SEE is an important research tool in future studies.

Keywords: Ethnocultural empathy; scale; translation; adaptation; construct validity.

RESUMEN

Traducción, Adaptación y Estudio de la Validez de Constructo del Escala de Empatía Etnocultural

La empatía etnocultural es un constructo que ayuda en la comprensión de los fenómenos que involucran las cuestiones culturales, el respeto de las diferencias etnoculturales y el desarrollo afectivo y socio-moral. Este estudio tuvo como objetivo traducir, adaptar y probar la validez de constructo de la *Scale of Ethnocultural Empathy* – SEE para su uso en Brasil. Los participantes fueron 350 estudiantes que viven en la ciudad de Juazeiro, BA (Brasil). Ellos respondieron a la versión adaptada de la SEE, que fue llamado en el portugués Escala de Empatía Etnocultural – EEE, así como un cuestionario socio-demográfico. Se realizó el análisis factorial y los resultados indicaron la mejor solución una estructura compuesta de 26 ítems organizados en tres factores. La consistencia interna de la EEE como un todo (Nível General de Empatía Etnocultural) fue considerada buena ($\alpha = .808$). Así, la Escala de Empatía Etnocultural demostró adecuadas propiedades psicométricas para evaluar el constructo y ha demostrado ser una herramienta importante de investigación en la investigación futura.

Palabras clave: Empatía etnocultural; escala; traducción; adaptación; validez de constructo.

INTRODUÇÃO

O conceito de empatia designa uma resposta cognitivo-afetiva produzida no *self* a partir da observação ou imaginação da situação que outrem vivencia (Eisenberg, 2000). Ao longo dos anos alguns autores têm defendido uma perspectiva estritamente cognitivista da empatia, afirmando que este construto designa apenas a capacidade que algumas pessoas têm de se colocar no lugar outro, imaginando como seriam os seus pensamentos e sentimentos (Dymond, 1949; 1950; Wispé, 1986). Neste processo de tomada de perspectiva, as reações emocionais seriam secundárias e não o cerne da empatia. Em contrapartida, outros autores adotam uma perspectiva mais afetiva para explicação da empatia, afirmando que ela corresponde a uma resposta emocional vicária às reações emocionais observadas em outras pessoas (Feshback e Roe, 1968; Mehrabian e Epstein, 1972).

O debate a respeito dessa questão persiste, mas a revisão de literatura feita por Sampaio (2007) indica que uma concepção multidimensional da empatia é cada vez mais reforçada tanto empírica quanto teoricamente (Camino, Camino e Leyens, 1996; Davis, 1983; Duan e Hill, 1996; Enz, Zoll e Xu, 2006), pois, dentre outras coisas, uma série de estudos (Batson, Fultz e Schoenrade, 1987a; Batson, Fultz e Schoenrade, 1987b; Coke, Batson e McDavis, 1978; Enz et al., 2006; Sampaio, 2007; Sampaio et al., 2011; Siu e Shek, 2005) demonstrou que os chamados episódios empáticos envolvem a capacidade de tomada de perspectiva e a produção de diferentes respostas emocionais que vão desde uma sensação de incômodo/desconforto no *self*, até sentimentos de compaixão, injustiça ou piedade por outras pessoas.

Autores como Hoffman (1989; 1991) destacam a importância da empatia para o desenvolvimento social, afirmando que é por meio desta que as pessoas conseguem se identificar, compreender e respeitar umas às outras, fazendo com que a mesma seja, portanto, um importante componente para a vida em sociedade (Ceconello e Koller, 2000; Cliffordson, 2002), respeito à diversidade e para o engajamento em comportamentos pró-sociais e altruístas (Batson et al., 1981).

Wang et al. (2003) sugerem que o conceito de empatia deva ser ampliado de maneira a abranger também questões ligadas a aceitação e respeito à diversidade étnica e cultural. Trabalhos anteriores (Batson et al., 1981; Quintana, Ybarra, Gonzalez-Doupe, e Baessa, 2000) reforçam essa perspectiva e sugerem que a empatia pode se desenvolver de maneira específica no que se refere à aceitação de membros

de grupos étnicos ou raciais diferentes, constituindo em um tipo de resposta cognitivo afetiva chamada de empatia etnocultural.

De maneira geral, a empatia etnocultural consiste em uma resposta de caráter cognitivo-afetivo que é produzida quando o indivíduo interage com pessoas de grupos étnico-raciais diferentes. Segundo Wang et al. (2003) o construto da empatia etnocultural é multidimensional e constitui-se a partir dos seguintes componentes: Empatia Intelectual, Emoções Empáticas e Empatia Comunicativa. O primeiro diz respeito à habilidade de compreender o modo de pensar e os sentimentos de pessoas étnico ou racialmente diferentes, e de se colocar em seu lugar (*role-taking*). As emoções empáticas são respostas emocionais que o indivíduo experimenta quando observa as emoções de pessoas étnico ou racialmente diferentes dele. Por fim, a empatia comunicativa consiste na habilidade de expressar, por meio de palavras ou ações, pensamentos (empatia intelectual) e sentimentos (emoções empáticas) o que o sujeito sente por membros de grupos raciais e étnicos diferentes.

Objetivando a operacionalização de pesquisas sobre a empatia etnocultural e a criação de um instrumento de mensuração deste construto, Wang et al. (2003), realizaram três estudos através dos quais desenvolveram e validaram a *Scale of Etnocultural Empathy* (SEE). A SEE é um instrumento composto por 31 itens, que são avaliados através de escalas do tipo *Likert* com seis graus, os quais descrevem sentimentos, pensamentos e atitudes do respondente, relacionados às seguintes dimensões da empatia etnocultural:

- *Sentimento e expressão empática*: preocupação com a expressão (através de palavras ou ações) de crenças, valores ou atitudes discriminatórias ou preconceituosas, além das respostas emocionais sentidas no *self*, quando o sujeito está diante deste tipo de atitude;
- *Tomada de perspectiva empática*: habilidade de entender a visão de mundo, as experiências e emoções de pessoas étnico-racialmente diferentes;
- *Aceitação das diferenças culturais*: compreensão, aceitação e valorização das tradições culturais e costumes de outros grupos culturais;
- *Consciência empática*: conhecimento/consciência a respeito das experiências e emoções de outrem, principalmente aquelas relacionadas à discriminação ou ao tratamento desigual.

Conforme os resultados da pesquisa de Wang et al. (2003), a *Scale of Etnocultural Empathy* (SEE) têm baixa correlação com o *Balanced Inventory of Desirable Responding* (BIDR) e correlações moderadas com as subescalas do *Interpersonal Reactivity Index* (IRI)

de Davis (1983), ou seja, a SEE demonstrou ser um instrumento preciso e adequado para avaliar a empatia e que sofre pouca influência da deseabilidade social.

De maneira geral, considera-se que o estudo da Empatia Etnocultural pode contribuir para o desenvolvimento de pesquisas brasileiras relacionadas à questão do multiculturalismo e do desenvolvimento afetivo e sociomoral, pois estes são temas que trazem à tona as dinâmicas psíquicas envolvidas nas interações sociais entre grupos étnico/culturalmente diferentes.

Considerando o destaque que a empatia recebe na ciência psicológica, as recentes discussões sobre o construto da empatia etnocultural, bem como a carência de instrumentos válidos para mensuração de respostas empáticas (Sampaio, 2007), o presente estudo teve como objetivo traduzir, adaptar e realizar uma validação preliminar da *Scale of Ethnocultural Empathy* para uso no contexto brasileiro.

MÉTODOS

Amostra

A amostra foi constituída por 350 estudantes dos cursos de Direito (31,1%), Pedagogia (30,2%), Jornalismo/Comunicação Social (10,8%), Engenharia de Produção (8,0%), Agronomia (6,8%), Engenharia Agrícola e Ambiental (4,0%), Engenharia Mecânica (4,0%), Engenharia da Computação (3,1%) e Engenharia Civil (2,0%), matriculados em instituições públicas de ensino superior localizadas na cidade de Juazeiro – BA. Os participantes eram do sexo feminino (n = 196) e masculino (n = 154) e suas idades variaram entre 17 e 58 anos (M = 25,26; d.p. = 7,21). A amostra foi não probabilística, pois os instrumentos foram administrados apenas aos estudantes que se dispuseram a participar do estudo, através da assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Instrumentos

Para investigar os níveis de empatia etnocultural dos respondentes, utilizou-se uma versão traduzida da *Scale of Ethnocultural Empathy* (SEE). A SEE concebe a empatia como um construto multidimensional, com componentes afetivo-cognitivos, e os mensura através de 31 sentenças que descrevem comportamentos, atitudes, pensamentos e sentimentos dirigidos a pessoas de grupos étnicos ou raciais diferentes.

Na SEE o respondente utiliza escalas *Likert* com seis graus (1 = discordo completamente; 6 = concordo plenamente) para avaliar seu grau de concordância com cada sentença proposta, as quais avaliam as quatro dimensões da empatia etnocultural (*Sentimento e Expressão Empática, Tomada de Perspectiva Empá-*

tica, Aceitação das Diferenças Culturais e Consciência Empática).

Utilizou-se ainda um questionário para avaliar variáveis sociodemográficas, como idade, sexo, nível de escolaridade, naturalidade, grupo étnico-racial, religião etc.

Procedimentos

Na primeira etapa da pesquisa dois professores bilíngües, um da área de Línguas e um da área de Psicologia, realizaram uma tradução da SEE do inglês para o português, donde esta passou a denominar-se Escala de Empatia Etnocultural (EEE). Em seguida, outro pesquisador bilíngüe da área de Psicologia procedeu a *back translation* da EEE, a fim de garantir a validade semântica da versão brasileira do instrumento. Finalmente, ambas as versões foram comparadas e analisadas por membros do Laboratório de Desenvolvimento-Aprendizagem e Processos Psicossociais (LDAPP) da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), chegando-se à concordância de que o conteúdo semântico das sentenças na SEE e na EEE era idêntico.

Após receber aprovação do Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da UNIVASF (CAAE-0005.0.441.000-10) e antes da aplicação definitiva da EEE, foi realizada uma pesquisa-piloto com 62 alunos do I e II períodos do curso de Psicologia, que objetivou, principalmente, avaliar os instrumentos no que se refere ao seu layout, à adequação semântica dos itens da EEE à população-alvo e ao nível de compreensão sobre o uso de escalas tipo *likert*. Durante a pesquisa-piloto os participantes indicaram que os termos usados nas sentenças da EEE eram claros e bem definidos, que compreendiam o uso de escalas *likert* para se autoavaliarem e que o layout dos instrumentos era adequado e agradável. Constatando-se a adequação dos instrumentos, procedeu-se à aplicação definitiva dos instrumentos de pesquisa.

Tendo recebido autorização dos diretores das instituições de ensino contatadas, os pesquisadores dirigiram-se às salas de aula e informaram os objetivos da pesquisa, solicitando a colaboração voluntária dos universitários. Após o consentimento dos mesmos, através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) deu-se início à primeira coleta de dados nas salas de aulas e de acordo com a seguinte ordem de aplicação: em primeiro lugar a EEE, seguida pelo questionário sociodemográfico.

Análise dos dados

Para o estudo da validade de construto da EEE foram realizadas diversas análises fatoriais com todos

os itens da medida, a fim de verificar qual a estrutura fatorial que respondia pela melhor variância explicada do construto. Para a extração dos fatores foi empregada a análise de componentes principais, com rotação Varimax e normalização Kaiser. Uma vez garantida a validade de construto, procedeu-se ao exame da consistência interna da EEE, pelo cálculo do alpha de Cronbach. De acordo com Hair, Anderson, Tatham e Black (2005), um valor para o alpha de Cronbach superior a 0,70 já pode ser considerado satisfatório. Todas as análises estatísticas foram processadas através do programa SPSS 15.0.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise fatorial exploratória (AFE) dos 31 itens da EEE indicou que um modelo composto por nove fatores seria indicado para avaliar o construto da Empatia Etnocultural, e que estes fatores explicavam 55,3% da variância conjuntamente ($KMO = 0,815$; $p < 0,001$). Todavia, considerando que este modelo era de difícil interpretação teórica, bem como a necessidade de testar o modelo encontrado por Wang et al. (2003), optou-se por aplicar um nova análise fatorial, fixando-se a extração em quatro fatores. Esta nova análise resultou em uma matriz na qual os quatro fatores explicavam 36,54% da variância. No entanto, este modelo também não se mostrou adequado, em função do excesso de problemas quanto às cargas fatoriais, como por exemplo, o fato de que vários itens apresentaram saturação em mais de um fator, sendo que as diferenças entre as cargas fatoriais eram menores que 0.1. Ademais este modelo não apresentou coerência teórica no que diz respeito ao modelo da Empatia Etnocultural.

Dada a inadequação do modelo proposto por Wang et al. (2003) para explicar os resultados observados no presente estudo, foram utilizados alguns critérios (Gorsuch, 1983; Smith e McCarthy, 1995; Tabachnik e Fidell, 1996) para eliminação de alguns dos 31 itens da escala, a saber: 1º) o valor absoluto da carga fatorial principal do item foi menor do que 0,30 em um único fator ou assumiu valores negativos; 2º) houve cargas fatoriais similares em dois ou mais fatores em um mesmo item, com a diferença entre valores absolutos das cargas fatoriais dos itens menor do que 0,10; e 3º) houve ausência de similaridade entre o conteúdo do item e o domínio teórico do construto.

Partiu-se, então, para uma terceira análise fatorial, utilizando-se dos mesmos métodos de extração rotação ortogonal, a qual indicou a adequação de um modelo composto por 3 fatores que agrupavam 26 itens da escala. Este modelo demonstrou um ajuste teórico

adequado e nível elevado de consistência interna em cada fator. O teste de adequação da amostra revelou ajuste apropriado dos dados ($KMO = .826$; e teste de esfericidade de Bartlett = 1743,499; $p < .001$), com 34,2% da variância sendo explicada pelos três fatores conjuntamente.

Dos 31 itens originais que compunham a EEE, dois foram excluídos, pois tiveram valor de saturação abaixo de 0.30 (o item “*Não sei muita coisa sobre eventos sociais e políticos importantes de outros grupos étnico-raciais*” e o item “*Para mim é difícil contar histórias nas quais personagens falam sobre como eles sofrem diariamente com discriminação étnica ou racial*”, dois por que apresentaram carga fatorial negativa (“*Quando interajo com pessoas de origem étnico-racial diferente da minha eu demonstro minha admiração por suas tradições culturais*”) e o item “*Sinto-me aborrecido quando as pessoas não falam o português formal – concordante com as normas gramaticais vigentes*”) e um porque apresentou saturação simultânea em dois fatores, sendo que a diferença entre as cargas fatoriais era de apenas .018 (“*Sou tocado por filmes ou livros que retratam a discriminação enfrentada por pessoas de grupos étnicos ou raciais diferentes do meu*”).

A partir da interpretação dos resultados da Análise Fatorial o fator 1 passou a ser denominado de *Sentimento e Expressão Empática* por apresentar o agrupamento de itens relacionados a componentes atitudinais, que revelam uma mobilização para ação, viabilizando o comportamento pró-social para com as pessoas de outros grupos étnico-raciais. Igualmente, estes itens referem-se à emissão de respostas emocionais ou afetivas (através de sentimentos, pensamentos, palavras ou ações) quando o sujeito observa emoções e/ou experiências de pessoas de grupos étnico/ racial diferentes. Este fator agrupou 10 itens que juntos explicavam 17,72% da variância total observada. As correlações inter-itens neste fator variaram entre 0.11 e 0.40, o que sugere que todos os itens se diferenciaram adequadamente entre si (Clarck e Watson, 1995). Por outro lado, as correlações item-total, com exceção do item 7 ($r=0.11$), variaram entre 0.42 e 0.70 indicando que todos os itens, menos o item 7, estão bem correlacionados com a subescala de Sentimento e Expressão Empática. A análise da consistência interna indicou ainda que a retirada do item 7 elevaria o valor do Alpha dessa subescala para 0.75.

Por sua vez, o segundo fator, denominado *Consciência Empática*, agrupou 7 itens e explicou 8,14% da variância total observada. Tal fator foi composto por itens com componentes de cunho afetivo muito forte que se centram no conhecimento/consciência que se

tem a respeito de experiências vividas por pessoas de grupos étnico/racialmente diferentes. Por conseguinte, de acordo com os pressupostos da presente pesquisa, estes itens envolvem um movimento de mobilização de emoções, ou seja, respostas empáticas despertadas pela consciência a respeito da situação de pessoas com origem étnico/racial diferente da do sujeito. Os itens desta escala se diferenciaram adequadamente entre si, apresentando correlações inter-item que variaram entre 0.13 e 0.40. Ainda, correlacionaram-se com a subdimensão de Consciência Empática, pois as correlações intertotal se situaram entre os valores de 0.51 e 0.65. Além disso, as análises demonstraram que a retirada de qualquer um dos itens reduziria o Alpha desta dimensão para valores abaixo de 0.70.

Por fim, o terceiro fator agrupou 9 itens e explicou 5,63% da variância. Este fator incluiu aspectos que versam sobre o interesse no que diz respeito a ações discriminatórias, atitudes preconceituosas e crenças relacionadas a pessoas étnico/ racialmente diferentes. Julga-se que este interesse esteja relacionado à compreensão, aceitação e valorização das tradições culturais e costumes dessas pessoas, principalmente no que diz respeito à alteridade. Uma vez que todos os itens que se agruparam neste fator foram elaborados no sentido inverso do restante da escala inversa, deve-se considerar que quanto menor a pontuação neste fator, maior é o nível de tolerância do respondente às diferenças culturais. As correlações interitens variaram entre 0.13 e 0.27, o que sugere que todos os itens se diferenciam adequadamente entre si (Clarck e Watson, 1995). Por outro lado, as correlações item-total, com exceção do item 6 ($r=0.14$), variaram entre 0.47 e 0.60 indicando que todos os itens, menos o item 6, estavam correlacionado com a subescala de Sentimento e Expressão Empática. A retirada de qualquer um dos itens reduziria o valor do Alpha para essa dimensão.

Dada a configuração *sui generis* do terceiro fator na amostra brasileira, houve necessidade de uma nomeação específica, sendo assim proposta uma explicação baseada nos estudos de Pettigrew (1998) e Pettigrew e Tropp (2000) sobre a “hipótese do contato”. Tal hipótese tem como pressuposto que o contato entre pessoas de grupos étnico-raciais diferentes pode promover tolerância e aceitação. Outro aspecto a ser salientado é que, segundo estudos anteriores (Quintana et al., 2000; Wang et al., 2003), a vivência de experiências que promovem a diversidade e trocas sociais estão fortemente associadas a uma maior compreensão e aceitação das diferenças entre grupos socioculturais diversos.

Desse modo, a partir da observação de um agrupamento de itens que em sua totalidade carregam uma conotação negativa, considera-se que pouco ou nenhum contato com pessoas de outros grupos étnico-raciais pode promover a intolerância, que se manifesta por meio de aspectos mais simples como a convivência (“*Sinto-me desconfortável quando estou rodeado por uma quantidade significativa de pessoas étnico racialmente diferentes de mim*”) até aspectos cognitivamente mais elaborados, como a tomada de perspectiva étnica (“*Acho difícil colocar-me no lugar de alguém que é racial ou etnicamente diferente de mim*”). Assim sendo, dado o conteúdo mensurado pelos itens agrupados no terceiro Fator, julgou-se que seria coerente denominá-lo de *Tolerância às Diferenças*.

O *Alpha de Cronbach* foi utilizado para avaliar a consistência interna dos fatores encontrados, assim como da escala como um todo. Esta análise demonstrou um nível aceitável de consistência interna das subescalas de *Sentimento e Expressão Empática* ($\alpha=.714$), *Consciência Empática* ($\alpha=.706$) e um nível baixo da subescala de *Tolerância às Diferenças* ($\alpha=.589$). Por sua vez, a consistência interna da Escala de Empatia Etnocultural como um todo (*Nível Geral de Empatia Etnocultural*) foi considerada satisfatória ($\alpha=.808$).

Os valores de carga fatorial, *eigenvalues*, variância explicada e consistência interna de cada item podem ser visualizados na Tabela 1.

De uma maneira geral, julga-se que a versão traduzida e adaptada da *Scale of Etnocultural Empathy* mostrou-se adequada para avaliação da empatia etnocultural no contexto brasileiro. Além disto, o modelo fatorial observado nos resultados demonstrou ser coerente com os pressupostos que embasam a presente pesquisa, sendo que os três fatores encontrados refletem aspectos cognitivos e afetivos da empatia etnocultural.

No que tange às medidas de consistência interna, verificou-se que os escores advindos das subescalas de Sentimento e Expressão Empática e Consciência Empática mostraram-se confiáveis. Já a subescala de Tolerância às Diferenças apresentou um nível de confiabilidade inferior ao esperado.

De maneira geral, a análise fatorial realizada com vistas a testar a validade do construto da Escala de Empatia Etnocultural revelou que a medida adaptada apresenta propriedades psicométricas adequadas à avaliação do construto, o que sugere a possibilidade de utilização desta medida para avaliar a Empatia Etnocultural no Brasil.

TABELA 1
Composição dos Fatores Sentimento e Expressão Empática (F1), Consciência Empática (F2) e Tolerância às Diferenças (F3) da Escala de Empatia Etnocultural (n=327)

<i>Itens</i>	<i>F1</i>	<i>F2</i>	<i>F3</i>
Procuro oportunidades para conversar com indivíduos de outros grupos étnico-raciais sobre suas experiências	.670		
Quando as pessoas sofrem opressão racial ou étnica, eu compartilho suas frustrações	.637		
Eu converso com pessoas de outros grupos étnico-raciais sobre minhas preocupações a respeito da discriminação	.615		
Quando eu ouço as pessoas fazerem piadas racistas, lhes digo que estou ofendido, mesmo que elas não estejam se referindo ao meu grupo étnico ou racial	.615		
Quando sei que meus amigos estão sendo tratados injustamente por causa de suas origens étnico-raciais eu sou enérgico ao defendê-los	.529		
Quando vejo pessoas de origem étnica ou racial diferentes da minha serem bem-sucedidas no domínio público, eu compartilho seu orgulho	.505		
Compartilho a raiva daqueles que encaram a injustiça, por causa de suas origens étnico-raciais	.493		
Para mim é fácil entender como se sente uma pessoa de origem étnico-racial diferente da minha	.434		
Sei como é se sentir o único indivíduo de raça ou etnia diferente em um grupo de pessoas	.354		
Apóio pessoas de outros grupos raciais ou étnicos, se acho que alguém está aproveitando-se delas	.340		
Reconheço que a mídia frequentemente apresenta pessoas a partir de estereótipos étnicos ou raciais		.792	
Eu consigo compreender a frustração que algumas pessoas sentem por terem poucas oportunidades, devido suas origens étnico-raciais		.624	
Consigo ver como outros grupos étnico-raciais são sistematicamente oprimidos em nossa sociedade		.545	
Sou consciente de como a sociedade trata diferentemente os diversos grupos étnicos ou raciais		.468	
Compartilho a raiva de pessoas que são vítimas de crimes raciais		.490	
Estou consciente das barreiras institucionais que discriminam outros grupos étnico-raciais		.423	
Fico perturbado quando outras pessoas passam por infortúnios devido às suas origens étnico-raciais		.414	
Sinto-me desconfortável quando estou rodeado por uma quantidade significativa de pessoas étnico-racialmente diferentes de mim			.639
Sinto-me impaciente quando converso com pessoas de outras origens étnico-raciais, independente de quão bem elas falem a língua portuguesa			.548
Acho difícil colocar-me no lugar de alguém que é racial ou etnicamente diferente de mim			.522
Eu não me importo se as pessoas fazem declarações racistas contra outros grupos étnicos ou raciais			.485
Não entendo porque pessoas de outros grupos étnico-raciais apreciam seu vestuário tradicional			.531
Sinto-me irritado quando pessoas de diferentes origens étnicas ou raciais falando seu idioma/dialeta perto de mim			.449
Eu não me disponho a participar de eventos que promovam a igualdade de direitos entre pessoas de diferentes origens étnico-raciais			.423
Não entendo porque as pessoas procuram manter tradições culturais nativas, ao invés de tentar se adequar ao restante da sociedade			.435
Raramente penso sobre o impacto de uma piada racista ou étnica nos sentimentos das pessoas a quem essas piadas são dirigidas			.395
Número de itens	10	7	9
<i>Eigenvalues</i>	5,49	2,52	1,76
Porcentagem de Variância explicada	17,72	8,14	5,63
Consistência interna (alpha)	.714	.706	.589

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo a adaptação e estudo da validade de construto da Escala de Empatia Etnocultural e buscou trazer contribuições teóricas e empíricas para a pesquisa sobre este tema no contexto brasileiro. Os resultados observados reforçam a necessidade de discussão da empatia a partir de uma perspectiva multidimensional e apontam

para a importância da realização de novos estudos que investiguem como esta habilidade sociocognitiva está relacionada à vida em sociedade, especialmente no que tange às dinâmicas interacionais entre grupos étnico-culturais diferentes.

A empatia tem se mostrado um construto importante para a compreensão de fenômenos sociais relacionados ao altruísmo, atribuição e julgamento social (Batson et al., 1981), sendo um componente essencial na constituição

de fenômenos sociopsicológicos (Batson et al., 1987a; Duan e Hill, 1996). Uma compreensão mais abrangente das experiências empáticas envolvidas em interações entre grupos culturais diferentes pode contribuir para o crescimento do movimento multicultural emergente, para mudanças de atitude nas instituições educacionais, para o desenvolvimento de competências terapêuticas multiculturais nos psicoterapeutas (Dyche e Zayas, 2001) e para a manutenção de relações intergrupais mais genuínas e abertas à alteridade (Stephan e Finlay, 1999).

Nesta direção, julga-se que a EEE é um valioso instrumento teórico para análise das dinâmicas sociais em situações de interação, especialmente naquelas em que prevalece a diversidade étnico/cultural. Por meio dessa escala torna-se possível a identificação de aspectos particulares aos eventos empáticos que fornecem mais subsídios para elaboração de estratégias de ação ou programas que estejam voltados para o desenvolvimento da empatia relacionada às questões étnico-raciais. Destarte, em um cenário tão diversificado étnico-culturalmente como o Brasil, inúmeros fatores situacionais e principalmente diferenças de ordem cultural precisam ser considerados na compreensão da experiência empática.

Embora a amostra desta pesquisa tenha sido constituída por mais de 200 participantes, critério suficientemente confiável para a seleção dos fatores (Stevens, 1992), considera-se necessário ponderar sobre possíveis restrições à generalização dos resultados observados, uma vez que em um contexto multicultural tal como o brasileiro faz-se recomendável a realização de uma investigação mais abrangente, com participantes de diferentes regiões político-geográficas. Assim, pode haver outros contextos em que a medida apresente uma estrutura fatorial distinta da demonstrada pela amostra utilizada no presente estudo. Além disso, sugere-se que em um novo estudo sejam utilizadas Análises Fatoriais Confirmatórias, através da Modelagem de Equações Estruturais (Byrne, 2001; Kline, 2011), afim de que se possa confirmar a adequação teórica do modelo dimensional observado no presente estudo e sua comparação com outros modelos teóricos. Ademais, outros estudos se fazem necessários a fim de avaliar melhor as propriedades psicométricas da Escala de Empatia Etnocultural, especialmente no que se refere à consistência interna da dimensão de Tolerância às Diferenças.

Consideramos que os resultados observados na presente pesquisa poderão colaborar significativamente na realização destes novos objetivos, assim como na investigação mais sistemática e aprofundada do construto da Empatia Etnocultural, contribuindo assim

para os estudos nas áreas de Ciências Humanas e Sociais que discutem a multiculturalidade no contexto brasileiro.

REFERÊNCIAS

- Batson, C.D. Duncan, B.D., Ackerman, P. Buckley, T. & Birch, K. (1981). Is empathic emotion a source of altruistic motivation? *Journal of Personality and Social Psychology*, Washington, 40(2), 290-302.
- Batson, C.D., Fultz, J. & Schoenrade, P.A. (1987a). Distress and empathy: two qualitatively distinct vicarious emotions with different motivational consequences. *Journal Personality*, Farmington, 55(1), 21-75.
- Batson, C.D., Fultz, J. & Schoenrade, P.A. (1987b). Adults' emotional reactions to the distress of others. In: Eisenberg, N.; Strayer, J. (Eds.). *Empathy and its development* (pp. 163-184). New York: Cambridge University Press.
- Byrne, B.M. (2001). *Structural Equation Modeling with AMOS – Basic Concepts, Applications, and Programming*. LEA, New Jersey.
- Camino, C., Camino, L. & Leyens, J. (1996). Julgamento moral, emoção e empatia. In Trindade, Z. & Camino, C. (Eds.). *Cognição social e juízo moral* (pp. 109-135). Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia.
- Cecconello, A.M. & Koller, S.H. (2000). Competência social e empatia: um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza. *Estudos de Psicologia*, 5(1), 71-93.
- Clark, L.A. & Watson, D. (1995). Constructing validity: Basic issues in objective scale development. *Psychological Assessment*, 7, 309-319.
- Cliffordson, C. (2002). The hierarchical structure of empathy: dimensional organization and relations to social functioning. *Scandinavian Journal Psychology*, 43, 49-59.
- Coke, J.S., Batson, D.C. & McDavis, K. (1978). Empathic mediation of helping: a two-stage model. *Journal Personality and Social Psychology*, 36(7), 752-766.
- Davis, M.H. (1983). Measuring individual differences in empathy: evidence for a multidimensional approach. *Journal Personality and Social Psychology*, 44, 113-126.
- Dyche, L. & Zayas, L.H. (2001). Cross-cultural empathy and training the contemporary psychotherapist. *Clinical Social Work Journal*, 29(3), 245-258.
- Dymond, R.F. (1949). A Scale for the measurement of empathic ability. *Journal Consulting and Clinical Psychology*, 13, 127-133.
- Dymond, R.F. (1950). Personality and empathy. *Journal Consulting Psychology*, 14, 343-350.
- Duan, C. & Hill, C. E. (1996). The current state of empathy research. *Journal Counseling Psychology*, 43(3), 261-274.
- Eisenberg, N. (2000). Emotion, regulation and moral development. *Annual Review Psychology*, 51, 665-697.
- Enz, S., Zoll, C. & Xu, Q. (2006). *Cultural differences in empathy between China, Germany and the UK*. Disponível em: www.nicve.salford.ac.uk/elvis/resources/empathy.pdf. Acesso em: 23 nov. 2006.
- Feshbach, N.D. & Roe, K. (1968) Empathy in six and seven year olds. *Child Development*, 39, 133-145.
- Gorsuch, R.L. (1983). *Factor analysis*. New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Hair Jr., J.F., Anderson, R.E., Tatham, R.L. & Black, W.C (2005). *Análise multivariada de dados*. Porto Alegre: Bookman.

- Hoffman, M.L. (1989). Empathy and prosocial activism. In Eisenberg, N., Reykowski, J. & Staub, E. (Eds.). *Social and Moral Values: individual and societal perspectives* (pp. 65-85). Hillsdale: New Jersey, Erlbaum.
- Hoffman, M.L. (1991). Empathy, Social Cognition and Moral Action. In Kurtines, W.M. & Gewirtz, J.L. (Eds.). *Handbook of Moral Behavior and Development* (Vol. 1: Theory) (pp. 275-302). New Jersey, LEA.
- Kline, R. B. (2011). *Principles and Practice of Structural Equation Modeling*. New York, The Guilford Press.
- Mehrabian, A. & Epstein, N. (1972). A measure of emotional empathy. *Journal of Personality*, 40, 525-543.
- Pettigrew, T.F. (1998). Intergroup contact theory. *Annual Review Psychology*, 49, 65-85.
- Pettigrew, T.F. & Tropp, L.R. (2000). Does intergroup contact reduce prejudice? Recent meta-analytic findings. In Oskamp S. (Eds.). *Reducing prejudice and discrimination: Social psychological perspectives*. (pp. 93-114). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Quintana, S.M., Ybarra, V.C., González-Doupe, P. & Baessa, Y. de (2000). Cross-cultural evaluation of ethnic perspective-taking ability: an exploratory investigation with U. S. Ladino and guatemalan latino children. *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*, 6(4), 334-351.
- Sampaio, L.R. (2007). *Produtividade, necessidade e empatia: relações entre julgamentos distributivos, consideração empática e tomada de perspectiva*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Sampaio, L.R., Guimarães, P.R., Camino, C.P.S., Formiga, N.S. & Menezes, I.G. (2011). Estudos sobre a dimensionalidade da empatia: tradução e adaptação do Interpersonal Reactivity Index (IRI). *Psico*, 42(1), 67-76.
- Siu, A.M.H. & Shek, D.T.L. (2005) Validation of the Interpersonal Reactivity Index in a Chinese Context. *Research on Social Work Practice*, 15(2), 118-126.
- Smith, G.T. & McCarthy, D.M. (1995). Methodological considerations in the refinement of clinical assessment instruments. *Psychological Assessment*, 7(3), 300-308.
- Stephan, W.G. & Finlay, K. (1999). The role of empathy in improving intergroup relations. *Journal Social Issues*, 55(4), 729-743.
- Stevens, J.P. (1992). *Applied multivariate statistics for social sciences*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Tabachnik, B.G. & Fidell, L.S. (1996). *Using multivariate statistics*. New York: Harper e Row.
- Wang, Y.W., Davidson, M.M., Yakushko, O.F., Savoy, H.B., Tan, J.A. & Bleier, J.K. (2003). The Scale of Ethnocultural Empathy: development, validation and reliability. *Journal Counseling Psychology*, 50(2), 221-234.
- Wispé, L. (1986). The distinction between sympathy and empathy: to call forth a concept, a word is needed. *Journal Personality and Social Psychology*, 50(2), 314-321.

Recebido em: 25.02.2010. Aceito em: 21.12.2011.

Autores:

Leonardo Rodrigues Sampaio – Doutor em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor do Colegiado de Psicologia da UNIVASF e coordenador do Laboratório de Desenvolvimento-Aprendizagem e Processos Psicossociais (LDAPP). Desenvolve pesquisas na área de Processos Cognitivos e Desenvolvimento Sociomoral e Afetivo.

Ilka Dayanne Medrado Lima – Mestre em Psicologia Cognitiva e Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco.

Igor Gomes Menezes – Doutor em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia. Psicometrista e professor adjunto do Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA) na área de Fundamentos e Medidas da Psicologia. Coordenador do Núcleo de Instrumentos e Medidas (NIM).

Francieli Félix de Carvalho Monte – Mestre em Psicologia Cognitiva e Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco. Interessada no desenvolvimento sociomoral e empatia em crianças e adolescentes.

Endereço correspondência para:

Leonardo Rodrigues Sampaio
UNIVASF – Colegiado de Psicologia
Av. José de Sá Maniçoba, s/n. – Centro
CEP 56304-917, Petrolina, PE, Brasil
E-mail: leorsampaio@yahoo.com.br